

SUNDAY GERMAIN WOROU

CRESCIMENTO LIDERADO PELA EXPORTAÇÃO:
CASOS DO BENIM E UEMOA

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel
na área de Ciências Econômicas na Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre A. Porsse.

CURITIBA

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

SUNDAY GERMAIN WOROU

CRESCIMENTO LIDERADO PELA EXPORTAÇÃO: CASO DO BENIM E UEMOA

Monografia apresentada para obtenção do título de bacharel no curso de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadores:



Prof. Dr. Alexandre A. Porsse

Departamento de Ciências Econômicas,
UFPR



Profª Drª. Adriana Sbicca Fernandes

Departamento de Ciências Econômicas,
UFPR



Prof. Dr. Marcos Minoru Hasegawa

Departamento de Ciências Econômicas,
UFPR

Curitiba, 02 de Julho de 2013.

À minha vó Kawoura Touré (in memoriam)

À DeoGracias, o mais novo da família.

A todos os deprimidos do mundo inteiro.

À minha namorada, Theoma S. Otobo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus tudo poderoso pela Vida, Amor e Bondade sobre mim.

Aos meus pais, Victor, Tchacou, Kabé e Yoo por tudo que me ensinaram na vida: amor, respeito e trabalho e pelo apoio de pais.

A toda a família Chueire na qual eu me vejo membro também, pelo amor, carinho, apoio emocional e financeira.

Aos meus irmãos, irmãs, primos e primas e toda a família.

Ao meu professor orientador, Dr Alexandre A. Porsse, pelos ensinamentos e a dedicação que se fizeram totalmente necessários para a realização desse trabalho, meus sinceros agradecimentos.

À Universidade Federal do Paraná, instituição que me proporcionou muitos ensinamentos durante este tempo de estudos. Aos professores do departamento de economia pela contribuição de cada um para minha formação.

Aos meus amigos que ao longo do tempo me apoiaram de todas as formas.

À todos que de uma forma ou de outra me ajudaram, meu sincero: Muito Obrigado!

RESUMO

Este estudo apresenta a análise de hipótese de crescimento liderado pelas exportações *export-led growth* (ELG) para o Benim e o bloco econômico UEMOA composto de 8 países (Benim, Burkina Faso, Costa de Marfim, Guiné-Bissau, Senegal, Mali, Níger e Togo). Focalizando no Benim e usando dados anuais para o período de 1980 a 2010, algumas técnicas econométricas de séries temporais foram utilizadas para testar a cointegração entre as variáveis relevantes da economia. Foram testadas duas equações de regressão, uma somente com PIB e exportações e outra considerando variáveis dummies na perspectiva de capturar o efeito de acordo de livre comércio. Os resultados dos testes de cointegração de Engle e Granger não mostraram nem uma relação de causalidade entre o PIB e as exportações nos dois casos. Mas a inclusão das variáveis dummies que separa o período em estudo em dois (1980 a 1994 e 1994 a 2010) mostra a evidência de hipótese ELG para a economia do Benim somente. O resultado deste estudo revela que as exportações tiveram efeitos dinâmicos na economia do Benim e que a integração econômica formada a partir de 1994 gerou mudanças estruturais para o País. Para o bloco econômico UEMOA, não houve cointegração entre PIB e exportações e se conclui que a hipótese ELG não é válida para o conjunto desses países.

Palavras-chaves: Exportações, Crescimento Econômico, Series temporais, Integração Econômica.

ABSTRACT

This study presents the analysis of growth hypothesis by exports (export-led growth-ELG) for the West African Economic and Monetary Union (WAEMU) bloc consisting of 8 countries (Benin, Burkina Faso, Ivory Coast, Guinea-Bissau, Senegal, Mali, Niger and Togo). Focusing on Benin, using annual data for the period between 1980 and 2010. The time series econometric techniques were used to test the causality between the relevant variables of the economy. From the perspective of seeking the dynamism of GDP and exports, was made the unit root test for each variable. The test results show that GDP and exports of Benin and WAEMU are stationary in first differences (series integrated of order - 1 (1)). The results of the cointegration tests shows no Granger causality between GDP and exports in both cases. But the inclusion of dummy variables that separates the study period into two (1980-1994 and 1994-2010) shows evidence of ELG hypothesis valid for only the economy of Benin. The result of this study shows that exports have dynamic effects on the economy of Benin and economic integration formed from 1994, and generated structural changes to Benin and the union.

Keywords: Exports, Economic Growth, Time series, Economic Integration.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Coeficiente de cointegração do PIB e exportações do Benin	23
GRÁFICO 2 - Composição do PIB do Benim por setor de atividade – (%)	27
GRÁFICO 3 - Principais parceiros comercial do Benim no tempo.	31
GRÁFICO 4 – PIB e Exportações reais do Benim.....	37
GRÁFICO 5 - Tendência do PIB e exportação da UEMOA (1980 - 2007)	38

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Composição das exportações do setor agrícola do Benim (%).....	27
TABELA 2 - testes de raiz unitaria de Dickey-Fuller aumentado do PIB e Exportações para Benin (1980-2010).....	39
TABELA 3 - Equação de regressão PIB e exportação do Benin	40
TABELA 4 - Equação de regressão PIB e exportação com variável dummy do Benin	40
TABELA 5 - Teste de cointegração de Engle e Granger para Benin (1980-2010). ...	41
TABELA 6 - Modelo de correção de erro (Benin)	41
TABELA 7 - Testes de raiz unitaria de Dickey-Fuller aumentado do PIB e Exportações para UEMOA (1977-2007).....	42
TABELA 8 - Equação de regressão PIB e exportação da UEMOA (1977 à 2007)....	43
TABELA 9 - Equação de regressão PIB e exportação com variável dammy da UEMOA (1977 à 2007).....	43
TABELA 10 - teste de cointegração de Engle e Granger para a UEMOA (1977-2007).	44

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	EXPORTAÇÃO E CRESCIMENTO ECONOMICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1	AS TEORIAS LIBERAIS DO COMERCIO INTERNACIONAL	11
2.2	MODELO DE BASE ECONOMICA E DE EXPORTAÇÃO	15
2.3	TEORIA DOS POLOS DE CRESCIMENTO	16
2.4	TEORIAS DESENVOLVIMENTISTAS	17
2.5	TRABALHOS EMPÍRICOS SOBRE CRESCIMENTO LIDERADO PELA EXPORTAÇÃO	19
3.	CATACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA DO BENIM	21
3.1	O BENIN E A GLOBALIZAÇÃO	21
3.2	INDICADORES ECONOMICOS	25
3.3	COMERCIO EXTERIOR	30
4.	MÉTODOS ECONOMÉTRICOS	31
4.1	TESTE DE RAIZ UNITÁRIA	32
4.2	TESTE DE COINTEGRAÇÃO DE ENGLE E GRANGER.....	34
4.3	O MODELO DE CORREÇÃO DE ERRO	35
5.	RESULTADOS E ANALÍSES	36
5.1	ANALISE DESCRITIVA DO DESEMPENHO ECONÔMICO DO BENIN E UEMOA .	36
5.2	TESTE DE HIPÓTESE <i>ELG</i> PARA O BENIM	38
5.2.1	Teste de raiz unitária.....	38
5.2.2	Teste de cointegração de Engle e Granger.....	39
5.3	ANALISES PARA A UEMOA	41
5.3.1	Teste de raiz unitária.....	41
5.3.2	Teste de cointegração de Engle e Granger.....	42
5.4	COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS	44
6.	CONCLUSÃO	46
7.	REFERENCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

O papel das exportações no desempenho econômico das nações menos desenvolvidas tem sido amplamente investigado nos últimos anos. A base desta discussão é a hipótese do crescimento liderado pela exportação (*Export-led growth* - *ELG*). A ideia *ELG* tenta investigar a relação existente entre as exportações e o crescimento econômico. A validade desta hipótese confirma que políticas de promoção de exportações promovem também o crescimento global da economia.

A liberalização do comércio pode ser uma estratégia importante para alcançar este crescimento. Recentemente, alguns países da África do Oeste tentaram importantes instrumentos político como a formação de união aduaneira (por exemplo, a União Econômica e Monetária da África do Oeste - UEMOA). Este talvez por perceber as vantagens associadas à abertura ao mercado externo. Esses países alcançaram um crescimento econômico significativo nos últimos anos. Por exemplo, a partir de 1994, a região de UEMOA apresentou favoráveis desempenhos econômicos. A média do produto interno bruto (PIB) entre 1995 a 2007 foi de US\$ 34,898 milhões, mais do que US\$ 22,210 milhões de 1980 a 1994. O Benin particularmente, mais que duplicou seu PIB, passando de US\$ 2,169 milhões em 1994 a US\$ 6,558 milhões em 2010. O valor das exportações dos bens e serviços também aumentou consideravelmente durante o mesmo período tanto no Benin quanto no conjunto dos países do bloco econômico. As exportações dos bens e serviços do Benin somaram US\$ 0,452 milhões em 1994 contra US\$ 0,990 milhões em 2010.

Deve-se notar, no entanto, que este crescimento conjugado do PIB e exportações pode ser dependente das características internas da situação política de cada país da união. Em suma, os objetivos deste trabalho são: investigar a relação que existe entre as exportações e o crescimento econômico para o Benin e o UEMOA, evidenciando a relação de longo prazo entre as variáveis; verificar os efeitos causados pela integração através da utilização das variáveis dummies. A análise será feita usando o teste de cointegração de Engle e Granger para avaliar a hipótese de crescimento liderado pela exportação nos dois casos. Este trabalho está organizado em seis capítulos. O capítulo 1 inclui a introdução, a definição do problema que conduz ao estudo, os objetivos a serem realizados e os procedimentos a serem seguidos. O capítulo 2 fornece uma visão geral da literatura

empírica sobre teorias de desenvolvimento econômico e da hipótese de crescimento liderado pela exportação. O capítulo 3 apresenta algumas características econômicas globais do Benim. O capítulo 4 apresenta a metodologia econométrica adotada (teste de raiz unitária, teste de cointegração e teste de causalidade de Engle e Granger). O capítulo 5 discute os resultados obtidos a partir das análises feitas para o Benim e o UEMOA. O capítulo 6 finaliza com a conclusão e algumas considerações analíticas sobre a hipótese *ELG* para o Benim e o UEMOA.

2. EXPORTAÇÃO E CRESCIMENTO ECONOMICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

A teoria econômica convencional sustenta o argumento de que o comércio internacional pode ser benéfico a todas as nações. O comércio internacional pode se definir como operações de troca entre países distintos, caracterizando-se pelo intercâmbio de mercadorias, serviços, e movimentações de capitais. Um comércio livre e igual, sem restrição e privilégios é o que a alguns economistas consideram como política desejável.

As mudanças na economia mundial através da expansão comercial que se deu desde o mercantilismo criaram condições institucionais para a criação de uma economia mundial e a base econômica para o desenvolvimento do capitalismo industrial. Nas sociedades tradicionais, os comerciantes de transporte marítimo dependiam dos outros mercados nos quais fossem possível vender e comprar mercadorias. Neste contexto, a defesa por novos mercados garante os seus negócios.

O avanço da globalização facilitou a aproximação das nações. Com a abertura das fronteiras, torna-se possível um país oferecer seus produtos e demandar os dos outros, aumentando a demanda global. O comércio exterior se tornou um dos motores essenciais para a prosperidade econômica das nações, proporcionando o desenvolvimento das mesmas. Em defesa desta linha de argumentação, muitos economistas políticos deram suas contribuições para a compreensão das ideias que relacionam os aspectos internacionais da economia com o desenvolvimento local.

2.1 AS TEORIAS LIBERAIS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

As ideias do desenvolvimento econômico não são recentes. O ser humano sempre procurou o crescimento de sua produtividade desde a época feudal, produzindo o excedente para troca. Mas os pensamentos mais fundados do desenvolvimento econômico têm origem na transição do feudalismo para o capitalismo na Grã-Bretanha (Maddison 1982, apud Sypher, 2009). A revolução industrial que afetou grande parte da população, tanto positivamente quanto

negativamente, motivou os primeiros economistas políticos como Adam Smith a tentar entender diversos efeitos e mudanças trazidas pelo sistema capitalista. Na sua obra "A Riqueza das Nações" desenvolveu a teoria de vantagem absoluta, ideia base que justificaria o capitalismo como um sistema eficiente de produção. Segundo a lógica do autor, cada país deve se especializar na produção do produto em que tem menor custo de produção e, assim, trocar com o resto do mundo o excedente de produtividade pelo produto em que tem maior custo de produção através do comércio internacional. A visão de Smith não se limitava apenas ao poder do mercado capitalista, pois sua concepção do aprimoramento do bem estar humano pela eficiência do mercado também aponta que o Estado tem um papel muito importante com a mão invisível ou o *laissez-faire*.

As críticas às ideias de Smith vêm logo quando Malthus desenvolveu sua teoria de população, pressupondo a deterioração (ou crise) do capitalismo. Baseado no progresso econômico e da previsão dos efeitos do capitalismo na economia da Inglaterra no século XVII, ele argumenta que o crescimento da renda da população não poderia acompanhar o crescimento populacional. A ideia básica se resume na sua famosa formulação que pressupõe que a população tende a aumentar em uma progressão geométrica enquanto a produção por alimento cresce em taxa aritmética, o que podia provocar distúrbios no sistema capitalista, algo que não foi previsto por Smith.

Nesta linha dos clássicos, David Ricardo, otimista no dinamismo da economia capitalista, postulava que o bom funcionamento do sistema traria consequências favoráveis à economia global. Ele divergiu da visão do seu contemporâneo Malthus ao demonstrar, através de suas teorias, os efeitos positivos do poder do capitalismo. Na sua teoria de "vantagens comparativas", Ricardo mostra que uma nação poderia produzir e exportar um bem, se especializando em setores nos quais é mais eficiente, mesmo que não tenha as vantagens absolutas naquele produto - aprofundando assim a teoria da "vantagem absoluta" de Adam Smith. Um país tem vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade de produção desse bem em relação aos de mais é mais baixo nesse país do que em outros (Krugman, 2005). Para identificar as vantagens comparativas a fim de entender o modelo ricardiano, suponha que a economia mundial compõe-se de duas economias que chamamos N e S. Cada uma produzindo dois bens, bem A e B,

usando um só fator de produção (trabalho). O país N é mais eficiente na produção de ambos os bens A e B. Então, o país N tem as vantagens absolutas nos dois produtos em relação a S e, portanto, poderia deixar de pensar em abrir seu comércio com o país S. Mas ao observar cuidadosamente os custos relativos de produção dos bens A e B para cada país N e S, isoladamente, percebe-se que haverá diferenças nos custos relativos. A comparação das diferenças nos custos relativos da produção dos bens permitirá que o país S, apesar de ser menos eficiente na produção de todos os bens terá a vantagem comparativa em um dos bens. Cada país então passará a produzir o bem no qual tem menor custo relativo e importar o bem no qual tem maior custo relativo. A especialização de cada país em produto que tem menor custo relativo, no caso de abertura do comércio, aumentará a produção e consequentemente o consumo de cada país, devido à redução do custo relativo internacional.

Com a sua lei das vantagens comparativas ele [Ricardo] demonstrou que o fluxo de comércio entre os países é determinado pelo custo relativo (e não absoluto) dos bens produzidos. A divisão internacional do trabalho baseia-se em custo comparativos: os países tenderão a especializar-se naqueles produtos cujos custos sejam comparativamente menores. (Gilpin, 2002; p.196).

O fundamento do conceito da vantagem comparativa reside principalmente em diferentes fatores de produção (tecnologias, dotação em fatores e preferências) entre os países que dão origem a diferentes custos de produção. Segundo Debraj, (1998), as principais fontes de vantagem comparativa são: as diferenças tecnológicas na produção dos bens que determina um componente importante de vantagem comparativa; o nível de dotação de fatores que leva um país a exportar bens que são intensivos em fatores que ele possui em abundância relativa; a variação de preferência pode servir para elevar a demanda global dos bens e atenuar o comércio e por fim, o retorno crescente causado pela diminuição dos custos médios de produção com a ampliação da escala de produção. Neste sentido, conforme o ensinamento dos defensores do livre comércio, o comércio internacional traz impactos dinâmicos favoráveis para o desempenho econômico de um país em desenvolvimento, incluindo a possibilidade de adquirir a especialização e competitividade.

No mesmo âmbito do pensamento ortodoxo de que o livre comércio traz efeito positivo na produtividade e o crescimento de uma nação, a teoria de Heckscher-Ohlin traz outra visão no padrão do comércio internacional. Conhecido por sua incorporação de retornos dos fatores na teoria clássica de produção, o modelo mostra efeitos estáticos de uma abertura comercial sobre a produtividade.

O modelo de Heckscher-Ohlin pressupõe que o país que possui abundância em fator trabalho, será capaz de produzir bens extensivos em trabalho a um custo relativamente baixo comparado ao resto do mundo, possibilitando suas vantagens comparativas (Williamson, 1989; p.37).

O modelo Heckscher-Ohlin, como ilustrado em Krugman (2005), explica o papel dos recursos no comércio a partir de dois bens (alimentos e tecidos) que são produzidos em duas economias utilizando dois fatores de produção, trabalho (w) e terra (r). Suponha que os mesmos dois fatores são utilizados em ambos os setores das economias e que a intensidade de utilização dos fatores de produção de cada setor da economia depende da demanda de cada produto. Ou seja, se o alimento for de terra-intensiva e o tecido o trabalho-intensivo, para qualquer razão salário-renda da terra, a produção de alimento utiliza uma razão terra-trabalho mais alto. Na ausência do comércio, cada país produz ambos os bens. Um aumento no preço relativo do tecido levará a um aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores neste setor, enquanto a renda real das terras cairá em termos de ambos os bens. A partir do momento que o comércio se instala entre os dois países, as formas de alocação dos recursos mudam. Um aumento na oferta de um fator de produção aumenta a possibilidade de produção deste bem com a redução da produção efetiva de outro bem e, conseqüentemente, uma melhor distribuição da renda. Na essência do modelo Heckscher-Ohlin, quando um país tem maior oferta em determinado recurso tenderá a produzir e exportar mais bens-intensivos deste recurso.

A teoria de Heckscher-Ohlin tem sido uma das principais e mais influentes em economia internacional, principalmente por tratar da relação entre o crescimento econômico e a distribuição da renda. Embora vários casos possam ser verificados com o modelo, um exemplo é o caso da China, onde foi comprovada que a grande população que possui o país é uma vantagem comparativa na produção dos bens que necessitam o capital de trabalho em abundância (Krugman, 2005). Por outro lado, alguns países, como os EUA, não têm o mesmo resultado conclusivo no teste

do modelo, o que deixa o modelo com limites para servir como modelo básico de comércio internacional (Krugman, 2005). Contudo, o modelo de Heckscher-Ohlin permanece primordial para o entendimento dos efeitos do comércio no padrão de vida das sociedades.

2.2 MODELO DE BASE ECONÔMICA E DE EXPORTAÇÃO

A teoria da base de exportação surgiu no âmbito de medir o impacto do comércio com o resto do mundo dentro da economia interna. Na prática já vinha sendo implementada desde as primeiras teorias clássicas do comércio. Historicamente, a maioria dos países se desenvolveu exportando, pois com o crescimento da população, a demanda por importação fica cada vez mais necessária. Os países procuravam aumentar o volume das exportações para compensar o balanço do pagamento. Um dos fundamentos da teoria da base de exportação são as economias de escala geradas pela produção para um mercado mais amplo do que aquele delimitado pelas fronteiras regionais (Souza, 2009). Neste sentido, percebe-se a importância das exportações no dinamismo do crescimento das atividades econômicas através dos seus encadeamentos. A teoria de base de exportação por si só não explica a magnitude de uma economia. Isso por que existem outras variáveis exógenas além das exportações, que influenciam o nível da renda nacional. Entretanto, a teoria de base econômica regional é uma ótima ferramenta para a medição do nível da renda de uma nação (Schinckler, 1972 apud Souza, 2009). Nesta última, a atividade total de uma região ou de um país é formada por atividades básicas (de exportação) e atividades não básicas (domésticas). A formulação matemática do modelo segundo ilustrada no texto de (Souza, 2009), é a seguinte:

Suponhamos que a renda regional total (R) é composta da renda das exportações (E) e das atividades domésticas (D).

Temos:

$$R = E + D \quad (1)$$

Se admitimos que a renda doméstica tem uma relação positiva com a renda regional total e a renda das exportações é constante, teremos:

$$D = \beta R \quad (2)$$

onde β = relação entre renda doméstica e renda total.

Após transcrever (2) em (1) segue,

$$R = E + \beta R$$

$$R = \left\{ \frac{1}{1-\beta} \right\} E$$

Percebe-se que o valor da renda total (R) depende da quantidade da renda das exportações (E) multiplicado pela relação $\left\{ \frac{1}{1-\beta} \right\}$, que pode ser denominada k . Este termo

$k = \left\{ \frac{1}{1-\beta} \right\}$ é o multiplicador da renda regional, ou seja, quanto maior a magnitude da renda da exportação e a relação β , melhor será o efeito dinâmico na economia total.

2.3 TEORIA DOS POLOS DE CRESCIMENTO

A ideia da teoria dos polos de crescimento foi materializada por Perroux citado por Souza (2009), na ótica de divergir das ideias neoclássicas do equilíbrio do crescimento das atividades numa economia. A base da teoria é de que crescimento não surge em toda a parte da economia no mesmo momento. Segundo Souza (2009), a lógica da teoria pode ser entendida como o fluxo circular schumpeteriano em que os preços relativos de um período a outro não se alteram, apenas em determinadas indústrias surgem economias de escala devido à nova entrada de tecnologias. Esta inovação que logo vai se repercutir na economia toda, abrindo portas para inovações, que poderão criar novas indústrias. Alguns fatores da economia são fundamentais para que haja esta transição e difusão da tecnologia dentro de uma economia, tais como: as infraestruturas de transporte, de comunicação, e de eletricidade. As economias com grau de desenvolvimento elevado tendem a aceitar com mais facilidade a circulação de informações e tecnologias.

As ideias dos lugares centrais foram abordadas por Christaller citado por Souza (2009), na tentativa de entender as formas de aglomeração das cidades e a distribuição dos produtos e serviços entre elas. A partir do conceito de "Limiar" ele admite a hierarquização entre cidades na função de distribuição num espaço homogêneo. Enquanto a teoria do lugar central de Christaller se refere à hierarquia urbana, a teoria do polo de crescimento não só se limita na ênfase na prestação de serviços por parte dos centros urbanos. Como enfatizou Haddad (1974), o polo de crescimento tem também a função indutora da indústria motriz nas interdependências que ela gera entre empresas compradoras e vendedoras de insumos na região polarizada ou no interior do próprio centro principal. Seguindo esta dinâmica da "polarização" Haddad (1974) afirma que a indústria líder do polo tem como características básicas: ter uma taxa de crescimento maior que as demais indústrias; ser uma "indústria-chave" e ter várias ligações de relação insumo-produto no seu meio de produção e venda; apresentar algumas estruturas oligopolistas na concorrência como na diferenciação do seu produto; ser um fornecedor de grande potência nacional como internacional.

O crescimento de uma localidade através seu polo de crescimento se justifica pela manifestação dos efeitos de encadeamento para frente e para trás que são exercidos pelas atividades das indústrias motrizes daquela localidade, uma vez que as infraestruturas favorecem as ligações entre os setores da atividade. Quando a indústria-chave não gera efeito de encadeamento no resto do setor da economia, ela não é uma indústria-motriz, portanto não é polo de crescimento, visto que a teoria do polo de crescimento requer também um complexo geográfico. Como a implantação de grandes indústrias capazes de gerar transformações estruturais é inviável nas pequenas regiões, políticas de planejamentos podem ser direcionadas para transformar atividades industriais mais tradicionais, mesmo na agricultura.

2.4 TEORIAS DESENVOLVIMENTISTAS

As ideias clássicas de comércio internacional, embora suficientes para explicar efeitos da globalização na economia mundial, não satisfazem em particularidade a questão do subdesenvolvimento de alguns países. Para encontrar uma fórmula específica a esses países, surgiu a ideia contrária a do liberalismo. Na busca de como se desenvolve uma nação, os pensadores econômicos

desenvolvimentistas se baseiam no tempo e espaço. Cada um com sua abordagem, mas com um pouco de inspiração keynesiana ao colocar a questão da industrialização no foco dos objetivos do desenvolvimento econômico. A apresentação desta teoria é baseada no capítulo 5 do livro “*The process of economic Development, 3rd Edition*” de James M. Cypher e James L. Dietz. Nesta linha, o economista Rosenstein-Rodan, durante a Segunda Grande Guerra Mundial, analisou as estruturas econômicas de algumas nações pobres do oeste e do sudeste europeia. O autor chamou atenção para o potencial oculto no desenvolvimento econômico em regiões menos desenvolvidas. Segundo a teoria de grande impulso ou grande “empurrão”, Rosenstein-Rodan (1984 *apud* Cypher e Dietz, 2008) salienta que basta um grande investimento ou um investimento complementar do Governo em diversos ramos da economia para que seus efeitos se disseminassem em outros. Mesmo não sendo muito explícito, as ideias de Rosenstein conduzem a um efeito de círculos virtuosos da produção. Grandes investimentos em uma indústria X de um setor da economia gerarão efeitos positivos para frente ou para trás em outra indústria Y, e se esta última tiver uma ligação com Z, este se beneficiará da mesma repercussão.

Na mesma visão, de Paul Rosenstein, Nurkse Ragnar afirma que o crescimento de uma nação subdesenvolvida depende em parte da boa vontade de seu Governo agir em pontos importantes dos setores da economia, fazendo investimento sincronizado em cada setor. Ele aponta o mercado interno como potencial de crescimento e acredita que um crescimento equilibrado nos setores da economia é necessário para aumentar a interdependência setorial, criando uma economia autossustentada. A teoria de Nurkse também contraria as ideias ricardianas de vantagens comparativas para os países menos desenvolvidos. Para ele, a troca de produtos primários com os produtos industrializados com o resto do mundo não possui relação de equilíbrio, tendo em conta o alto valor agregado destes últimos (Cypher e Dietz, 2008). Ou seja, as nações menos desenvolvidas não são eficientes em produtos de alto valor agregado, portanto, haverá sempre desvantagem em termos de troca, algo desconsiderado na lógica ricardiana.

Por outro lado, estratégias equilibradas do crescimento em setores que têm dinâmicas de crescimento distintas não são vistas como planos de desenvolvimento segundo Hirschman (Cypher e Dietz, 2008). Contrariando a teoria de crescimento

equilibrado, o autor concorda que o Governo deve dar o “empurrão” na economia, mas isto deve ser proporcional à capacidade que cada indústria tem de gerar crescimento em outras atividades ligadas a ela por efeito de encadeamento. Atrás deste desequilíbrio da economia, as indústrias tendem a funcionar numa espécie de interligação que ele teorizou de “encadeamento”. Segundo esta teoria, um grande investimento em uma indústria-chave da economia motivará a entrada de novas indústrias para tirar benefícios das vendas dos insumos como das compras dos produtos. Cypher e Dietz (2008) exemplificou as saídas de mineração de ferro e a produção doméstica de fogão, respectivamente, como encadeamento para trás e para frente de uma usina siderúrgica.

Já Walt Whitman Rostow (Cypher e Dietz, 2008) se baseou na análise histórica da evolução do crescimento econômico do Reino Unido durante décadas para formular sua teoria de fases de crescimento. Segundo esta teoria, todos os países do mundo teriam que enfrentar cinco “etapas” para chegar ao desenvolvimento: **sociedade tradicional** - nesta fase se entende um tipo de sociedade rural dominado pelo sistema imperial, onde a produção é de subsistência; **condições para decolagem** - para condicionar a próxima fase do desenvolvimento é preciso sistemas contrários as existentes e, para isso, ele evoca que haja outro método eficiente de produção (capitalismo); **decolagem** - fase decisiva do desenvolvimento, onde deve-se aproveitar todos os fatores agregados na fase anterior e fazer a dotações em graus satisfatórios nos setores chave da economia; **maturidade** - considerando a acumulação do capital na etapa anterior, neste momento, o país passara a se apoiar num importante estoque de produção que garante sua situação equilibrada em termos de crescimento; **consumo massificado** - nesta fase pode-se perceber uma satisfação total da demanda interna, onde a população passa a se preocupar com serviços da preservação dos patrimônios, consumo de luxo e gastos supérfluos.

2.5 TRABALHOS EMPÍRICOS SOBRE CRESCIMENTO LIDERADO PELA EXPORTAÇÃO

Muitos estudos foram elaborados para discutir a hipótese de crescimento liderado pela exportação (*export led-growth* - *ELG*), pela qual admite-se que o

comércio internacional promove a produtividade através dos ganhos da economia da escala.

Um dos trabalhos feitos neste sentido é de Koshiyama, Daniel B. (2008), um estudo do caso do Brasil de 1947-2006. Primeiro, delimitou-se dois períodos distintos: de 1930-1970, época em que o país era líder agroexportador, e a partir de 1980, envolvendo o período de crise de estabilização e de abertura comercial.

Ao apresentar e analisar as principais trajetórias do crescimento econômico e do comércio exterior do Brasil, chegou ao resultado de que existe a evidência da hipótese de uma liderança da economia brasileira pelas exportações.

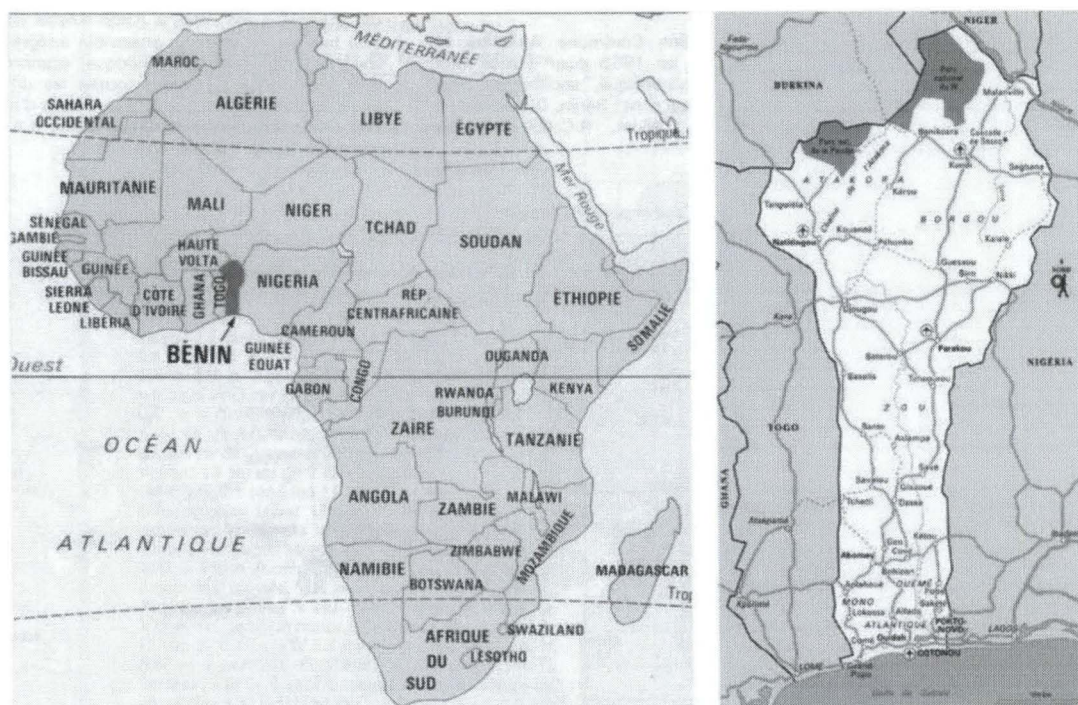
Bi Zambe (2010) testou a evidência de *ELG* para a Costa do Marfim no período de 1980-2007. Ele constatou que fatores como as exportações, força de trabalho e o comércio exterior tiveram efeitos positivos no crescimento econômico, enquanto o caso das importações e da taxa de câmbio foi o contrário. Para finalizar, encontrou evidências de causalidade bidirecional entre exportações e crescimento econômico. De outro lado, observou-se uma causalidade unidirecional da exportação para taxa de câmbio e da exportação para a importação. A conclusão foi que a Costa de Marfim apresenta evidência de crescimento liderado pelas exportações no longo prazo.

Lopete, Sinoha- (2004) estudou caso semelhante para as economias de nove países da África Austral (África do Sul, Botsuana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Zâmbia, Zimbábue) usando dados anuais para o período de 1980-2002. Testou-se a relação causal de longo prazo entre o PIB e as exportações através da análise de cointegração, constatando-se que existe relação de longo prazo entre o PIB e as exportações em três países (Botsuana, Namíbia e África do Sul). O modelo bivariado (sem variáveis exógenas) demonstrou resultado favorável para a hipótese *ELG* para todos os países. Contudo, ao incorporar variáveis exógenas, apenas três países (Botsuana, Lesoto e Suazilândia) dos nove deram resultado positivo para a hipótese *ELG*.

3. CATACTERIZAÇÃO DA ECONOMIA DO BENIM

Benin é um país localizado na costa Oeste da África, distribuído numa superfície de 112.620 km², e uma população de 9.351.838 habitantes (IBGE, 2011). Pertence ao grupo dos países francófonos, sendo classificado no grupo dos países menos desenvolvidos. É caracterizado pela coexistência de um setor rural e moderno, configurando uma economia baseada na agroexportação e com baixo nível de industrialização. Possui uma renda per capita muito baixa, característica típica dos países subdesenvolvidos. A renda per capita do Benin é de US\$ 1.646 e situa-se abaixo da média dos países africanos que é de U\$1.940 (OECD, 2012).

Figura 1 - Mapa da África com destaque do Benim.



Fonte: Google Mapa.

3.1 BENIN E A GLOBALIZAÇÃO

Em busca da prosperidade econômica, vários países no mundo vêm criando acordos através de formas de integrações regionais. Desde a década de 90, nasceram muitas integrações com objetivo de estabelecer alguns acordos econômicos, políticos e/ou monetários, tais como: na América, o acordo de Livre Troca Norte Americano (TLCAN ou NAFTA) (1992), o MERCOSUL (1991); a União

Europeia (UE) (1993); a Liga Árabe 1945, a Associação das Nações do Sul-este Asiático (ANSEA/ASEAN) (1967), Comunidade de Desenvolvimento África Austral (SADC), o Mercado Comunitário da África Oriental e Austral (COMESA) (1994), a União Africana (UA) (2002), a Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste (CEDAO) (1975), a Comunidade dos Estados Sahelo-saharianos (CEN-SAD) (1998). De acordo com o *Conseil Economique Et Social* (CES, 2013), os objetivos principais desses movimentos de integrações podem ser resumidos em quatro ideias:

- i. A busca por um mercado maior capaz de estabelecer eficiência nas alocações dos recursos, proporcionando a produção de escala.
- ii. A harmonização e reforço das políticas econômicas para melhor controle da inflação.
- iii. O reforço da credibilidade exterior da política econômica de cada participante.
- iv. A busca de uma estabilidade monetária que se traz pela adoção de moeda única e uma taxa de câmbio como um objetivo comum.

Além das proximidades geográficas e culturais dos países membros da integração que os favorecem a implantar objetivos comuns visando o bem estar universal, não se pode ignorar os efeitos da distorção que suas ações provocam no comércio mundial. Isso porque uma integração regional defende os interesses comerciais de seus membros nas negociações comerciais internacionais, violando-se os princípios de não discriminação (CEA, 2004).

Desde suas independências, as nações africanas tinham buscado saídas rápidas ao desenvolvimento. Muitos países se inspiraram nas experiências das nações já desenvolvidas para formar ou aderir aos acordos regionais. Mesmo que alguns países fossem influenciados pelas instituições internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), a União Europeia (EU) serviu, principalmente, de exemplo e referência a muitas organizações regionais africanas.

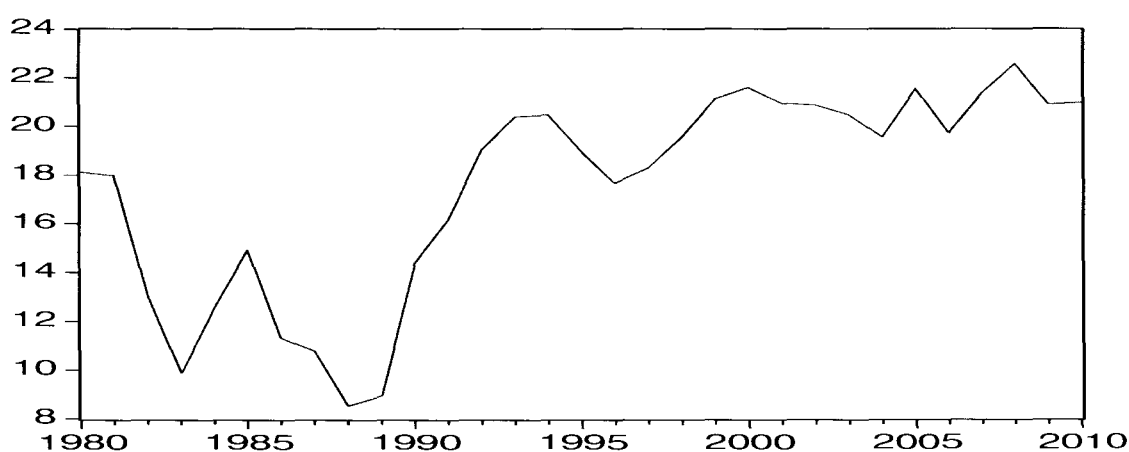
Benim atualmente faz parte de quatro grupos diferentes de integrações, tendo como principal critério a sua localização geográfica, conforme descrito abaixo.

- A Comunidade Econômica dos Estados da África do Ocidental (CEDEAO): criada em 1975, tem como principais objetivos a promoção da integração e cooperação econômica em todos os ramos das atividades econômicas. A

CEDEAO, que atualmente conta com quinze países do oeste do continente, tinha desde cedo o propósito de manter a paz na região e a criação de uma união econômica e monetária do oeste africana.

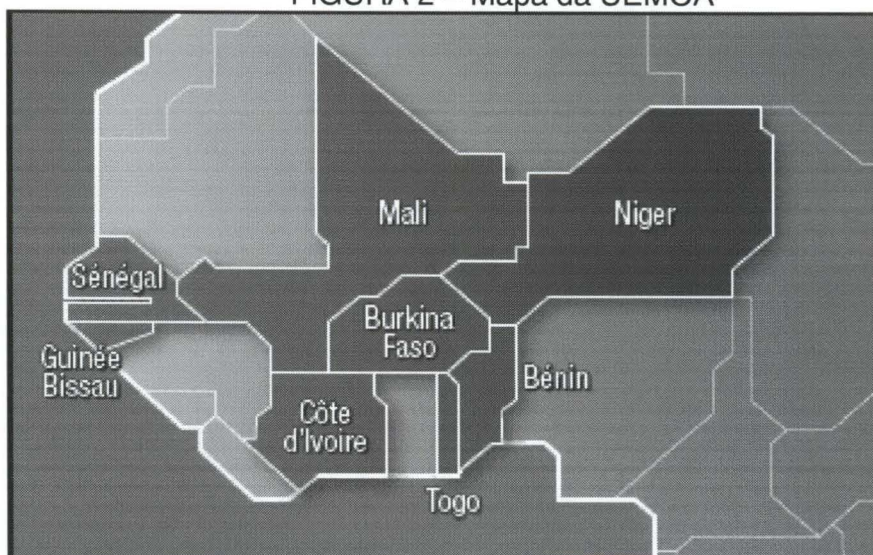
- A União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA): anteriormente União Monetária do Oeste Africano (UMOA), conta com oito países da África ocidental, o bloco foi criado em 1994 com a necessidade de incluir os aspectos econômicos na zona monetária que já existe. A UEMOA se define com principais objetivos, como: a instauração do mercado livre, competitivo e favorecendo a alocação ótima dos recursos; a harmonização das políticas econômicas, especificamente das legislações, das fiscalizações interna e a política setorial comum. A adoção de poderosas ferramentas econômicas e financeiras, entre outros, a bolsa regional dos valores mobiliários tornou processo desta integração o mais avançado do continente. O **Erro! Fonte de referência não encontrada.** mostra uma possível mudança estrutural na economia do Benim antes e depois a integração, uma vez que o coeficiente de exportação aumentou a partir de 1994.

GRÁFICO 1 - Coeficiente de cointegração do PIB/exportações do Benim



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Banco Mundial.

FIGURA 2 – Mapa da UEMOA



Fonte: Google Mapa (Sene News Actu).

- A UA: criada em 2002 para a substituição da Organização da Unidade Africana (OUA), hoje conta com cinquenta e quatro países. Tem como objetivos principais a aceleração da integração política e socioeconômica no continente, promover o desenvolvimento através da democracia, da paz, da segurança e da estabilidade no continente. Considerando o numero de países membros e seus objetivos, a UA é a maior integração e a mais influente do continente.
- O Comitê Cômulo Benin-Nigéria sobre o Comércio: criado em 2004, o comitê foi assinado em memorando na resolução de um conflito comercial entre os dois países desde 2003. O objetivo principal é o desenvolvimento dos fluxos comerciais entre os dois países. O Comitê Cômulo Benin-Nigéria tem como missão: inventariar e estudar subsequentemente todos os entraves na livre circulação dos produtos localmente fabricados no Benin e na Nigéria destinados à exportação para um ou outro dos dois países; estimular os fluxos comerciais entre os dois países encorajando a circulação

das informações comerciais; facilitar e promover as relações funcionais e operacionais entre as câmaras do comércio e da indústria dos dois países.

As integrações econômicas cresceram nas últimas duas décadas na região. As nações procuraram cada vez mais reduzir as distâncias entre si. Isso talvez, por perceber as necessidades de cooperar uma com outra. O fácil acesso das fronteiras permite a troca de produtos entre os países. Os acordos de integração e cooperação têm possibilitado aos países integrantes, e principalmente ao Benin, certos efeitos estáticos e dinâmicos. A redução ou eliminação das barreiras comerciais permitiu que cada país se beneficiasse de um mercado de mais de 300 milhões de consumidores para o qual as empresas podem estender seus produtos.

A proximidade geográfica e a natureza concorrente dos produtos de cada país integrante favorecem a geração do comércio e, conseqüentemente, a especialização e a melhoria do bem estar da união. A demanda da Nigéria, cada vez mais expressiva sobre a oferta dos produtos do Benin, aumenta a concorrência e estimula as indústrias nacionais a investir para melhorar seus produtos. O país também se beneficiou de apoios financeiros nas áreas de telecomunicação, energia, água, infraestruturas rodoviárias e criação de boi, e os acordos entre universidades da região.

3.2 INDICADORES ECONÔMICOS

A economia de Benin continua subdesenvolvida e depende principalmente da agricultura, das pequenas atividades e do comércio regional. Segundo dados do Banco Mundial (2011), o PIB do Benin é de US\$ 7.294.900.430 (Banco Mundial, 2011) e representa 0,56% do PIB da África Subsaariana. Trata-se de um pequeno país com insuficiente capacidade produtiva e que foi classificado, em 2011, na 201^a posição como país mais pobre do mundo (*ranking* pelo PIB per capita).

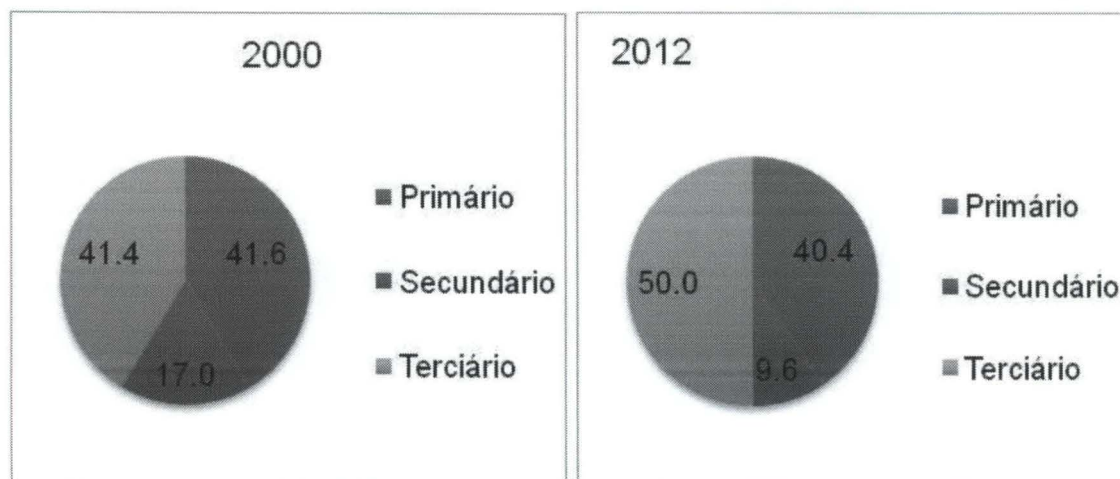
Os três principais setores que compõem a economia do Benin são: o setor primário, secundário e terciário. O setor primário é dominado pela produção agrícola, representando cerca de 40% do PIB (Gráfico 2). Entretanto o país se beneficia de uma vasta oportunidade que poderia servir para seu desenvolvimento. De norte a sul, o país conta com vasto solo diversificado, graças a um clima bastante variado. O

clima equatorial do sul e o tropical da zona norte favorecem o multi cultivo na agricultura.

A produção agrícola tem papel importante tanto na produção para exportação quanto para atender grandes partes da demanda da alimentação ao nível local. A produção local geralmente oferece autossuficiência em cereais (milho, sorgo, milheto, etc...), tubérculos (mandioca, inhame, etc...) e leguminosas. Porém, o país é cronicamente deficitário em produtos de origem animal e arroz (FAO 2011). Segundo a estimativa do FMI (2011), o setor agrícola é responsável por 70% dos empregos, representa um quarto das exportações dos bens e serviços e quase um terço do PIB. Neste setor, o algodão é o principal produto das exportações (Tabela 1). Nos últimos cinco anos, sua participação nos produtos totais das exportações foram 45,2% em 2002, 41,2% em 2005 e 23,8% em 2009. O valor das exportações dos produtos de algodão passou de 100280 bilhões de FCFA¹ a 63435,43 bilhões de FCFA respectivamente em 2002 e 2009 - ano em que houve a pior safra de produção com menos de 158863,00 toneladas de grão recolhido.

¹ FCFA= Unidade de moeda local. Segundo o Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCEAO), a taxa de câmbio FCFA/US\$ é de 472,15 para o ano de 2009.

GRÁFICO 2 - Composição do PIB do Benim por setor de atividade – (%)



Fonte: elaboração própria com base nos dados do BCEAO (2013)

TABELA 1 - Composição das exportações do setor agrícola do Benim (%)

Anos	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Algodão	45,2	47,0	46,5	41,2	34,8	33,7	16,4	23,8
Caju	5,4	3,3	3,6	4,8	6,1	4,4	2,7	5,2
Óleo de palma	0,0	0,7	0,5	0,1	1,2	1,0	1,0	2,8
Outros agrícolas	1,1	2,3	4,2	4,7	13,1	7,7	1,4	2,7
Produtos não agrícolas	48,2	46,7	45,2	49,1	44,9	53,1	78,5	65,6
Exportação total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: elaboração própria com base nos dados do BCEAO (2013).

A queda da participação do algodão nas exportações se explica não só pela diminuição na quantidade do produto exportado de algodão, mas também pelo aumento dos outros produtos de exportação como o óleo de palma e caju que aparecem cada vez mais como importantes produtos das exportações do país no setor agrícola. Esses dois grupos de produtos formaram sucessivamente em 2002, 2005 e 2009, 5,4%, 4,9% e 8%, como mostra a Tabela 1. Apesar da evolução desse grupo de produtos base nas exportações, ainda percebe-se um fraco dinamismo da agroindustrialização no País. No entanto, alguns produtos como abacaxi, óleo de palma e os produtos de karitê são limitados na pauta de exportação pelo não cumprimento de requisitos conforme as normas internacionais e a inexistência de um mercado de negociação capaz de atrair grandes importadores.

Apesar de várias tentativas do Governo para diversificar os produtos, a falta de estrutura, principalmente da mecanização na agricultura, não permite o aproveitamento total das terras cultivadas. A produção desses produtos é geralmente de pequenas propriedades e, portanto, dificulta a economia de escala no setor. O fraco rendimento devido a forte vulnerabilidade climática torna agricultura limitada. O País possuía, entre 1960 a 1998, uma média de 0,69 máquinas agrícolas ou tratores por 100 quilômetros quadrado de terras aráveis (*World Development Rapport*, 2013). Segundo o mesmo relatório, na maioria dos países da África, um só produto representa 60% das exportações e três produtos 80%. Em geral, a matéria prima e o peso desta exportação não consegue acompanhar proporcionalmente o crescimento dos outros setores como da indústria. Essa situação é semelhante no Benim, cuja balança comercial foi sempre deficitária: US\$ milhões -9.7 em 2004, US\$ milhões -14,4 em 2007 e US\$ milhões -11.9 em 2012 (*World Development Rapport*, 2013).

O setor secundário é composto, geralmente, de pequenas e médias empresas. É um setor imaturo da economia que contribui somente por cerca de 10% do PIB (Gráfico 2), constituído basicamente pela indústria alimentícia e indústria têxtil. De um lado, há indústrias são bastante dinâmicas, como as do se alimentício que se destacaram bastante nos últimos anos. De outro lado, há indústrias com grande capacidade produtiva, mas que sofrem de falta de dinamismo devido a insuficiência de investimento ou falta de organização.

Em geral, o país sofre da falta de valorização dos seus recursos naturais, principalmente no caso da construção civil e indústria têxtil que acumularam um crescimento de -13,1 e -12,7% de 2000 a 2009 respectivamente (*Institut National de la Statistiques e de l'analyse Economiques* - INSAE, 2009). Neste grupo, se inclui a indústria química que é bastante concentrada e de tamanho bem reduzido composto apenas de 10 unidades industriais com diversas atividades como da farmacêutica, cosmética, fertilizantes e fábrica de tintas.

O setor que aparece cada vez dominante na economia é o setor terciário. Composto de comércio e serviços, contribui com cerca de 50% do PIB. O comércio esta em grande parte ligado ao comércio de exportação e reexportação dos produtos para os países vizinhos via o porto principal do país. Os serviços do *Port*

Autonome de Cotonou (PAC) representam o pulmão deste setor. A situação geográfica favorece o país para a transição das mercadorias para os países da interlandia como o Níger, o Burkina-Fasso e o Mali através do seu porto. O PAC propicia fácil acesso aos países do interior do continente aos seus produtos de importação e exportação para o exterior. As atividades dos serviços do PAC proporcionam um ganho maior para a economia, responsável por 45 a 50% das receitas do Governo, com uma capacidade de 4 milhão de toneladas por ano (*Department of Economic and Social Affairs - United Nations*, 2008). Entretanto, o mesmo tem grandes rivais, como os portos de Togo e Nigéria, que poderiam ter preferência às mercadorias em eventual competição.

Um dos grandes fatores da economia e que chama mais atenção é ainda o setor informal. A informalidade nasceu na transição da economia tradicional de troca em economia moderna capitalista. Segundo (CES-BENIN, 2011), a informalidade contribuiu por 67,7%, em média, na formação do PIB no Benin nos últimos cinco anos. A informalidade aparece em todos os ramos da atividade no Benin, desde agricultura, artesanato, indústria, saúde, educação e comércio.

Aproximadamente dois terço das famílias africanas vivem do setor informal, seja diretamente enquanto operador, seja indiretamente enquanto beneficiário dos serviços. Em outro, importantes trocas trans-fronteiras se efetuam dentro do quadro deste setor. Se essas trocas fossem contabilizadas, o comercio intra-africano excederia uma taxa atual de 10%... (Dumont, 1962; p.100).

Segundo o estudo feito pelo Sequa gGmbH (2013), o Benim tem a característica de ser uma das economias mais informais da África subsaariana, registrando, em 2001, 80,3% dos empregos informais contra a media de 76,2% da UEMOA. O comércio de reexportação² está em grande parte relacionado com o comércio a Nigéria. De uma magnitude mensurável, a reexportação provém principalmente dos produtos do PAC em direção à Nigéria. Também a circulação dos produtos do petróleo está em grande parte na ilegalidade. O comércio do Benin com a Nigéria, seu principal parceiro comercial da África somou FCFA 140771,99 milhão para o ano 2009. Apesar de muitas medidas estruturais do Governo através

² Refere-se aos produtos exportados que não são 100% produzidos no país.

das políticas para inibir a informalidade, o problema continua sendo principal fator ambíguo para o crescimento da economia.

3.3 COMERCIO EXTERIOR

Benim possui uma população pequena e com renda baixa, o que limita o mercado nacional. Uma das saídas para seus produtos é via comércio exterior. O comércio exterior do Benin pode ser medido em dois âmbitos. O comércio regional com os países vizinhos da África e o comércio com o resto do mundo. Segundo o *Commission Economique pour l'Afrique – CEA* (2004), cerca de 85% das importações africanas são de fontes não africanas. Dentro da comunidade UEMOA, o Benim é o principal importador intra-comunitário dos produtos manufaturados. O País lidera no grupo importando, em média, cerca de US\$ 27,7 milhões por ano, mas não aparece entre os quatro primeiros lugares nas exportações na mesma comunidade. Isso mostra a grande fragilidade do país a promover sua indústria manufatureira na região.

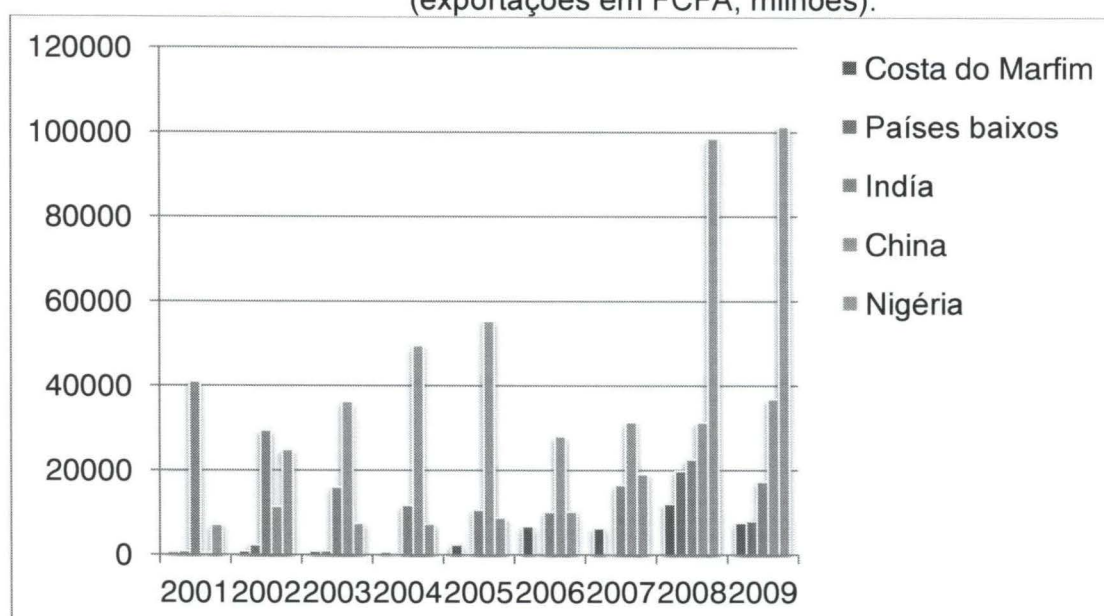
De maneira geral, a África produz os bens que ela não consome e importa os bens que ela consome... A liberação do comércio mundial e as outras iniciativas exteriores como a intitulada <<African Growth and Opportunity Act>> encorajam os países a exportar para os mercados mundiais... (CEA 2004).

Os mercados africanos, geralmente pequenos, não conseguem se organizar para criar uma oferta suficiente para atender a demanda doméstica devido o alto custo de implementação da industrialização. Uma das possibilidades é abrir mão dos benefícios de curto prazo para formar políticas de união. Enquanto isso demora a ocorrer, os acordos de integração e cooperação permitem aos países beneficiarem-se de um potencial mercado de consumidores.

Os principais parceiros da economia beninense na exportação são: Nigéria, China, Indonésia, Índia, Níger, Gana e Togo. As exportações para a China e a Nigéria dominam mais da metade do comércio (como indica no GRÁFICO 3). Os principais produtos de exportação para a China são geralmente, produtos básicos. As exportações do Benin para Nigéria representaram 5,7%, 11,8% e 39% das exportações totais, sucessivamente, em 2005, 2007 e 2009. Nisto, se inclui ao comércio de reexportação cuja importância foi mencionada acima.

As importações do país provêm, majoritariamente, da França, dos Estados Unidos, da China, do Togo, da Costa do Marfim e da Nigéria. O País importa principalmente produtos energéticos, alimentares, bens intermediários e de equipamento. Essas quatro categorias de produtos representaram mais 87% das importações para o ano 2009, totalizando FCFA 873.954,000 milhão.

GRÁFICO 3 - Principais parceiros comerciais do Benim no tempo
(exportações em FCFA, milhões).



Fonte: Elaboração com base nos dados BCEAO, (2013).

A situação do setor exterior da economia mostra que o país precisa de uma maior diversificação para diminuir a dependência externa, investindo mais no seu capital produtivo. Os acordos com os parceiros comerciais precisam ser mais dinâmicos, fortalecidos e consolidados por planos estratégicos de longo prazo para evitar certas vulnerabilidades aos choques originados pela conjuntura econômica.

4. MÉTODOS ECONOMÉTRICOS

A hipótese de crescimento liderada pela exportação pressupõe uma direção de causalidade entre as exportações e o crescimento econômico. Com objetivo de avaliar as performances do crescimento econômico dos países do bloco econômico UEMOA mediante a estratégia de orientação para o setor exterior, faremos, neste trabalho, algumas análises de regressão baseadas em Gujarati (2006). Os procedimentos incluem a definição do modelo teórico, o teste de raiz unitária, o teste

de cointegração e a estimação do modelo de correção de erros. As fontes dos dados deste trabalho são do Banco Central dos Estados da África do Oeste (BCEAO), COMTRADE e Banco Mundial. O PIB e exportação anuais do período de 1980 a 2010 serão utilizados.

O modelo empírico usado neste trabalho é baseado na teoria clássica de comércio internacional, o modelo de Heckscher-Ohlin. Esta teoria é conhecida pela ênfase do papel das exportações no crescimento econômico. Baseado nas informações do modelo econômico descrito anteriormente, pode-se formalizar a seguinte regressão:

$$Y = \beta_1 + \beta_2 X + \varepsilon \quad (1)$$

onde Y = produto real, β_1 = o intercepto, β_2 = termo de tendência da regressão, X as exportações totais e ε = o termo de erro.

Serão incorporadas variáveis dummies na equação (1), separando período antes e depois da criação da união, com objetivo de detectar possíveis mudanças estruturais nas economias durante este período.

$$Y_t = \beta_1 + \beta_2 X_t + D_1 + D_1 X_t + \varepsilon_t \quad D_1 = \begin{cases} 1 & \text{se 1994 a 2010} \\ 0 & \text{caso contrario} \end{cases} \quad (2)$$

Como os dados são séries temporais, devem-se usar técnicas econométricas de séries temporais nas estimações das equações (1) e (2). Um passo inicial importante é a determinação da ordem de integração das variáveis pelo teste de raiz unitária. Se as variáveis forem não estacionárias, serão transformadas em estacionárias a fim de seguir o teste da cointegração por Engle e Granger ou estimar o modelo de correção de erros. As seções a seguir apresentam esses procedimentos.

4.1 TESTE DE RAIZ UNITÁRIA

Para determinar a ordem de integração de cada variável relevante incluída na equação a estimar, será feito o teste de raiz unitária. Para ilustrar o teste de raiz unitária conforme Gujarati (2006), considere-se a regressão seguinte:

$$Y_t = \rho Y_{t-1} + u_t, \quad -1 < \rho < 1$$

onde u_t é um termo de erro de ruído branco e ρ é o parâmetro de deslocamento.

Fazer uma regressão simples de Y_t em relação a seu valor defasado (de um período), Y_{t-1} , que pode ser escrita alternativamente como:

$$\Delta Y_t = \delta Y_{t-1} + u_t \quad (3)$$

onde $\delta = (\rho - 1)$; e Δ é o operador de primeiras diferenças.

Se $\rho = 1$, a equação (3) apresenta evidência de raiz unitária, ou seja, uma situação de não-estacionariedade. Contudo, $|\rho| < 1$, a equação (3) é estacionária. Uma série temporal é estacionária quando seu processo estocástico não muda no tempo, o que implica que seus valores têm variabilidade média, variância e covariância constante.

Segundo Gujarati (2006), um dos principais testes desenvolvido para verificar a existência de raízes unitárias foi aquele de Dickey e Fuller (ADF). O teste ADF leva em conta três seguintes possibilidades:

$$\Delta Y_t = \delta Y_{t-1} + \varepsilon_t \quad (4)$$

$$\Delta Y_t = \beta_1 + \delta Y_{t-1} + \varepsilon_t \quad (5)$$

$$\Delta Y_t = \beta_1 + \beta_2 t + \delta Y_{t-1} + \varepsilon_t \quad (6)$$

O teste de Dickey-Fuller aumentado conduz a uma generalização das três precedentes equações e supõe que o termo de erro ε apresenta correlação. O teste considera a estimação da regressão seguinte:

$$\Delta Y_t = \beta_1 + \beta_2 t + \delta Y_{t-1} + \sum_{i=1}^m \alpha_i \Delta Y_{t-1} + \varepsilon_t \quad (7)$$

onde ε_t é um termo de erro de ruído branco puro, $\delta = (\rho - 1)$, e Δ = operador de primeiras diferenças.

Neste caso, a hipótese nula é que $\delta = 0$; isto é, há uma raiz unitária, contra a hipótese alternativa $\delta < 0$, isto é, estacionariedade. A escolha da ordem de defasagem m pode ser feita com base nos critérios de informação de Akaike ou Schwartz, selecionando a ordem ideal como aquela que possui o menor valor nesses critérios.

Conforme Gujarati (2006), os procedimentos concretos para estimação com o teste de ADF seguem os seguintes passos:

- Estimar a regressão (7) por mínimos quadrados ordinários;
- Dividir o coeficiente estimado de Y_{t-1} em cada caso pelo seu desvio-padrão para calcular a estatística tau (τ)

- Consultar as tabelas de Dickey-Fuller
- Se $|\tau|$ exceder o valor crítico da estatística tabulado por de Dickey e Fuller, rejeita-se a hipótese de que $\delta = 0$ e, neste caso, a série temporal é estacionária. No caso contrário, não rejeita-se a hipótese nula, o que significa que a série temporal é não estacionária.

4.2 TESTE DE COINTEGRAÇÃO DE ENGLE E GRANGER

O teste de cointegração é usado para estimar a relação de longo prazo entre variáveis. A regressão entre duas séries não estacionárias pode produzir uma regressão espúria. A questão aqui é de examinar se a presença de raiz unitária impede o uso da regressão ou não. Para isso, é preciso fazer a análise de raiz unitária da combinação das duas séries. Em termos técnicos: "se Y e X têm raízes unitárias, mas uma combinação linear deles é estacionária, então podemos dizer que Y e X são cointegrados" (Koop, 2006).

Para examinar a existência de uma relação consistente entre as variáveis econômicas parte-se das regressões das variáveis acima estabelecidas, ou seja, as regressões (1) e (2). Conforme Gujarati (2006), faz-se um teste de raiz unitária nas seguintes séries de resíduos:

$$\varepsilon_t = Y_t - \beta_1 - \beta_2 X_t \quad (8)$$

$$\varepsilon_t = Y_t - \beta_1 - \beta_2 X_t - D_1 - D_1 X_t \quad (9)$$

Se ε for estacionário de ordem 0, $I(0)$, enquanto Y e X sejam individualmente não estacionários de ordem 1, $I(1)$, ou seja, apresentem tendência estocástica, sua combinação linear (8) ou (9) é $I(0)$. Neste caso, a regressão não será espúria e dizemos que as variáveis são co-integradas.

Este procedimento é conhecido como método de Engle e Granger e consiste em aplicar o teste de raiz unitária de Dickey-Fuller nos termos de erro da regressão. Porém, a tabela com os valores tau não pode ser usada porque a regressão tem mais de uma variável. Neste caso, é preciso usar os valores tabulados por Mackinnon (2010).

4.3 O MODELO DE CORREÇÃO DE ERRO

Caso exista uma relação de longo prazo entre as variáveis PIB e exportação, também deve existir uma relação de curto prazo. O modelo de correção de erro pode ser estimado para permitir ligar o comportamento de curto prazo de uma variável com sua dinâmica de longo prazo. Seguindo Gujarati (2006), considere o seguinte modelo:

$$\Delta Y_t = \alpha_0 + \alpha_1 \Delta X_t + \alpha_2 u_{t-1} + \varepsilon_t \quad (10)$$

onde Δ é o operador de primeiras diferenças; ε é um termo de erro aleatório; e $u_{t-1} = (Y_{t-1} - \beta_1 - \beta_2 X_{t-1})$

Observa-se pela equação (10) que ΔY depende do ΔX e também do ε . O equilíbrio do modelo dependerá então do u seja igual à zero. No caso do desequilíbrio, ou seja, ΔX é zero e u_{t-1} é positivo, implica que Y_{t-1} está a cima de seu equilíbrio ($\alpha_0 + \alpha_1 \Delta X_{t-1}$). Assim, para que se tenha ajuste para o ponto do equilíbrio no longo prazo, espera-se α_2 seja negativo. Esse parâmetro informa então a velocidade de ajustamento do desequilíbrio de curto prazo para o equilíbrio de longo prazo.

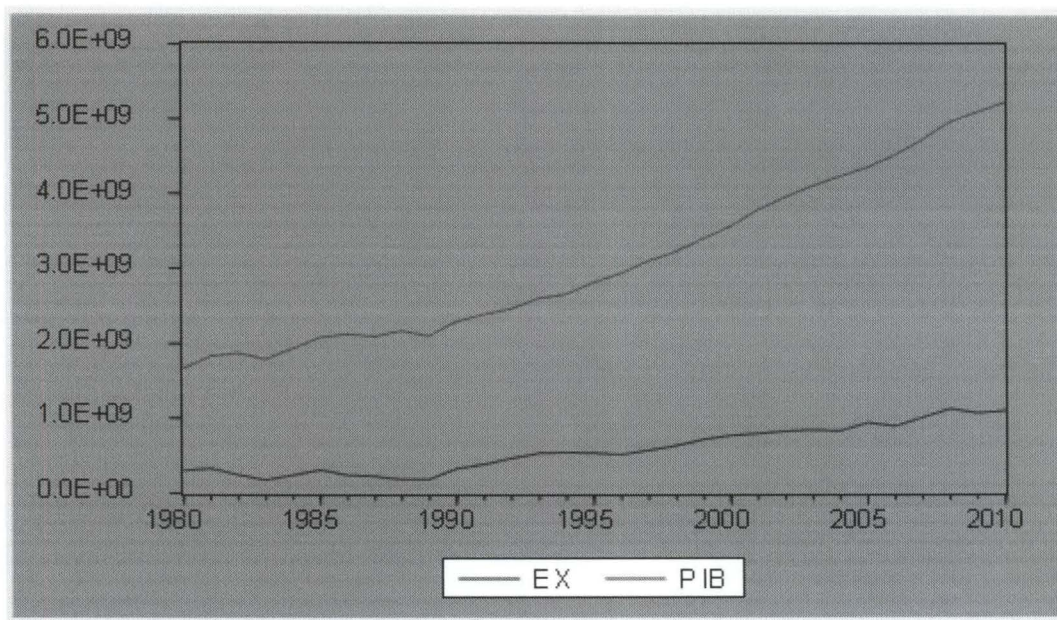
5. RESULTADOS E ANÁLISES

5.1 ANÁLISE DESCRITIVA DO DESEMPENHO ECONÔMICO DO BENIN E UEMOA

Dois indicadores macroeconômicos foram utilizados para analisar o desempenho econômico do grupo UEMOA e o Benin em particular. O PIB real e as exportações reais do período de 1977 à 2007 para a UEMOA e 1980 à 2010 para o Benin. Ambos os dados são obtidos nas Estatísticas do Banco Mundial, nos indicadores do desenvolvimento mundial (WDI, 2013). Os gráficos 4 e 5 mostram a tendência dessas duas variáveis para a UEMOA e o Benin.

Percebe-se pelo Gráfico 4, uma estabilidade moderada no crescimento do PIB de 1980 a 1995. Neste período, foram registradas taxas de crescimento variando entre 3% a 4% no PIB real do Benin. No mesmo intervalo, o crescimento das exportações acompanhou o PIB, embora com pequenos desequilíbrios em 1983 e 1987. A partir dos anos 1997, um crescimento mais acelerado é observado no PIB como também nas exportações.

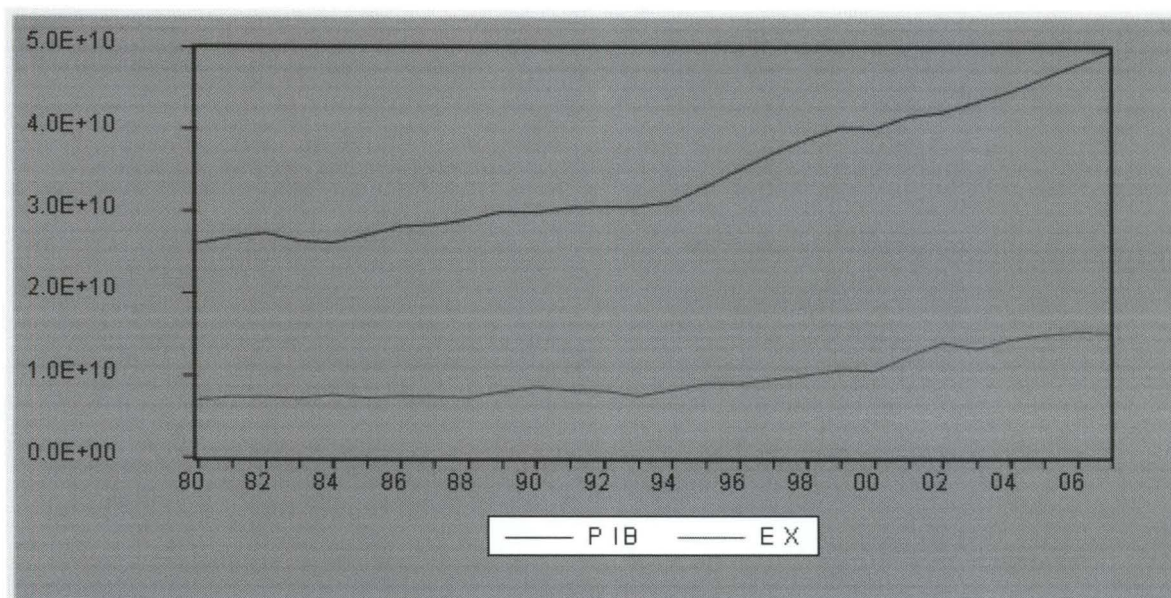
GRÁFICO 4 – PIB e Exportações reais do Benim de 1980 a 2010, em milhões de US\$, Dados do UNCTAD (2013).



Fonte: Autor (2013), com base nos dados do UNCTAD (2013)

O Gráfico 5 mostra a evolução do PIB e exportações da UEMOA durante o período 1980 a 2007. A redução do intervalo a 2007 deve-se a não disponibilidade de dados de alguns países membros como a Costa do Marfim e a Guiné Bissau. O comportamento é similar ao do Benim. Dentro da união, o PIB tem aumentado de forma mais rápida a partir de 1994, sendo que as exportações também parecem acompanhar essa dinâmica.

GRÁFICO 5 - Tendência do PIB e exportações da UEMOA de 1980 a 2007 em milhões de US\$.



Fonte: Autor (2013), com base nos dados do UNCTAD (2013).

5.2 TESTE DE HIPÓTESE *ELG* PARA O BENIM

5.2.1 Teste de raiz unitária

Para o teste de raiz unitária, foi utilizado o teste de ADF, onde as variáveis assumem ser (de tendência) não estacionárias sob a hipótese nula. Os valores críticos aplicados a ambos os testes foram de 10% de significância. A TABELA 2 apresenta o resultado do teste para as series PIB e Exportações do Benim. Na tabela foram especificadas as equações utilizadas (com apenas um constante ou com um constante e uma tendência) para o teste ADF.

Se o valor calculado do tau é maior (em valores absolutos) do que o valor crítico, é rejeitada a hipótese nula de raiz unitária (caso de não estacionariedade). Por outro lado, se o valor calculado de tau é menor (em valores absolutos) do que o valor crítico, é aceita a hipótese nula de raiz unitária (caso de estacionariedade). No caso do Benim, o teste ADF mostra que o PIB é não estacionário (com intercepto e com tendência). Por outro lado, depois de introduzir 5 valores defasados de ΔPIB_t (à maneira de Dickey-Fuller), verificou-se que as primeiras diferenças do PIB são

estacionárias (com intercepto e com tendência). As exportações são não estacionárias (com intercepto e com tendência), este resultado não mudou, mesmo depois de introduzir 1 valor defasado. Verificou-se também, que as primeiras diferenças são estacionárias.

TABELA 2 - Testes de raiz unitária de Dickey-Fuller aumentado do PIB e das Exportações para Benim (1980-2010).

Teste ADF					
	Equação	Def.	T-Stat	T (tau) 10%	Decisão I(d)
PIB	tc	0	3.07864	-2.621	I(0)
	tct	0	-0.9374	-3.218	I(1)
EXP	tc	0	0.51062	-2.63	I(1)
	tct	0	-2.8813	-3.233	I(1)
Δ PIB	tc	5	-0.7269	-2.636	I(1)
	tct	1	-4.7782	-3.222	I(0)
Δ EXP	tc	0	-4.8736	-2.633	I(0)
	tct	0	-5.1294	-3.238	I(0)

Nota: tc= equação com intercepto; tct= equação com intercepto e com tendência; Def.= defasagem e Ho: Raiz unitária.

5.2.2 Teste de cointegração de Engle e Granger

Visto que as variáveis PIB e exportações são não estacionárias, logo, deve-se testar a cointegração entre elas para verificar a hipótese *ELG*. Reproduzindo a equação (1) tem-se:

$$PIB_t = \beta_1 + \beta_2 EXP_t + \varepsilon_t \quad (11)$$

onde *PIB*= produto interno bruto, *EXP*=exportações (ambos em US\$ constante 2005) e ε o termo de erro.

O resultado da estimação dessa equação segue na TABELA 3.

TABELA 3 - Equação de regressão PIB e exportação do Benin

Variável	Coefi	Erro. Est	t-Estatistic	Prob.
C	1.03E+09	90395946	11.40632	0.0000
EX	3.587387	0.139106	25.78882	0.0000
R-quadrado	0.958217			

Para verificar um provável efeito de mudança estrutural aos acordos de livre comércio, foi estimada uma segunda equação de regressão conforme abaixo. A TABELA 4 a seguir apresenta o resultado da regressão:

$$PIB_t = \beta_1 + \beta_2 EXP_t + D_{94} + D_{94} EXP_t + \varepsilon_t \quad D_{94} = \begin{cases} 1 & \text{se } 1994 \text{ a } 2010 \\ 0 & \text{caso contrario} \end{cases} \quad (12)$$

TABELA 4 - Equação de regressão PIB e exportação com variável dummies do Benim

Variável	Coeficiente	Error Esta	t-Estatistic	Prob.
C	1.60E+09	1.50E+08	10.61900	0.0000
EX	1.695033	0.477888	3.546924	0.0014
D94	-9.30E+08	2.42E+08	-3.850114	0.0007
D94*EX	2.343709	0.529464	4.426573	0.0001
R-quadrado	0.975793			

Para testar a relação de longo prazo, verifica-se se a combinação linear das séries é estacionária. Neste caso, as variáveis são consideradas cointegradas. O objetivo deste é investigar e testar a hipótese ELG pelo teste de cointegração, ou seja, testar se o PIB e as exportações possuem tendência comum.

A TABELA 5 mostra o resultado do teste ADF nos resíduos das equações (11) e (12). Os valores críticos do tau de Engler-Granger no nível de significância de 5% e 10% são sucessivamente: -4.0272 e -3.6565. Para a primeira regressão, tem-se que $\mathcal{E}(1)$ é não estacionária porque o valor calculado de tau (τ) é menor (em termos absolutos) que os valores críticos. Por outro lado, para a segunda equação,

$\varepsilon(2)$ mostra-se estacionário no nível de significância de 5%. Assim, (6.b) é uma regressão de cointegração (não é espúria) e confirma-se a hipótese *ELG* para o Benim. Confirme-se, também, a mudança estrutural ocorrida na economia do Benim a partir de 1994.

TABELA 5 - Teste de cointegração de Engle e Granger para Benin (1980-2010).

Teste ADF						
	Equação	Def.	T-Stat	T (tau) 5%	T (tau) 10%	Decisão I(d)
$\varepsilon(1)$	Tc	0	-2.77813	-4.0272	-3.6565	I(1)
$\varepsilon(2)$	tc	0	-3.94594	-4.0272	-3.6565	I(0)

Os resultados do modelo de correção de erro para a segunda equação apresentados na TABELA 6, mostrando que 20.91% da discrepância entre o PIB e as exportações no curto prazo são eliminadas a cada ano na correção para o equilíbrio de longo prazo. Isso significa que se a $\varepsilon(2)$ for positivo, o PIB no período atual está acima de seu valor de equilíbrio e começará a cair no período seguinte para corrigir o erro de desequilíbrio (e vice versa).

TABELA 6 - Modelo de correção de erro (Benim)

Variável	Coeficiente	Error Est.	t-Estatistic	Prob.
C	51016061	12220499	4.17463	0.0003
D94	80815075	17311716	4.66823	0.0001
D(EX)	1.091686	0.184075	5.930648	0
D94*D(EX)	-0.415575	0.267628	-1.552808	0.133
$\varepsilon(2)(-1)$	-0.209104	0.051101	-4.091948	0.0004
R-quadrado				

5.3 ANALISES PARA A UEMOA

5.3.1 Teste de raiz unitária

Para o teste de raiz unitária para o UEMOA, foi utilizado também o mesmo teste de ADF, com os mesmos critérios acima descritos. A TABELA 7 apresenta a resultado do teste para as séries PIB e Exportações do UEMOA.

No caso do UEMOA, o teste ADF mostra que o PIB é não estacionário (com intercepto e com intercepto e com tendência). Por outro lado, verificou-se que as primeiras diferenças do PIB são estacionárias (com intercepto) e (com intercepto e com tendência). As exportações são não estacionárias (com intercepto e com intercepto e com tendência), verificou-se também, que as primeiras diferenças são estacionárias.

TABELA 7 - Testes de raiz unitaria de Dickey-Fuller aumentado do PIB e Exportações para UEMOA (1977-2007).

Teste ADF					
	Equação	Def.	T-Stat	T (tau) 10%	Decisão I(d)
PIB	tc	1	2.08444	-2.621	I(1)
	tct	0	-0.5667	-3.222	I(1)
EXP	tc	0	0.1955	-2.621	I(1)
	tct	2	-0.8775	-3.218	I(1)
Δ PIB	tc	1	-2.5539	-2.623	I(1)
	tct	0	-4.8915	-3.222	I(0)
Δ EXP	tc	3	-2.0669	-2.623	I(1)
	tct	0	-5.248	-3.222	I(0)

Nota: tc= equação com intercepto; tct= equação com intercepto e com tendência; Def.= defasagem e Ho: Raiz unitária.

5.3.2 Teste de cointegração de Engle e Granger

Visto as variáveis PIB e exportações individualmente são não estacionárias, logo, deve-se testar a cointegração entre elas para verificar a hipótese *ELG*. Reproduzindo a equação (1) tem-se:

$$PIB_t = \beta_1 + \beta_2 EXP_t + \varepsilon_t \quad (13)$$

A TABELA 8 a seguir, mostra o resultado da regressão:

TABELA 8 - Equação de regressão PIB e exportações do UEMOA (1977 a 2007)

Variável	Coeficiente	Error-Est	t-Estatístico	Prob.
C	1.06E+10	1.08E+09	9.847221	0
EX	2.263927	0.115338	19.6287	0
R-quadrado	0.93			

Para verificar um provável desequilíbrio estrutural devido aos acordos de livre comércio, foi estimada uma segunda equação de regressão conforme abaixo. A TABELA 9 a seguir mostra o detalhe da regressão:

$$PIB_t = \beta_1 + \beta_2 EXP_t + D_{94} + D_{94} EXP_t + \varepsilon_t \quad D_{94} = \begin{cases} 1 & \text{se } 1994 \text{ a } 2010 \\ 0 & \text{caso contrario} \end{cases} \quad (14)$$

TABELA 9 - Equação de regressão PIB e exportação com variável dummies da UEMOA (1977 a 2007)

Variável	Coeficiente	Error-Esta	t-Estatístico	Prob.
C	1.76E+10	2.47E+09	7.123212	0
EX	1.137997	0.362631	3.138171	0.0041
D94	-2.35E+09	3.14E+09	-0.74989	0.4598
D94*EX	0.779599	0.398596	1.955864	0.0609
R-quadrado	0.959653			

A tabela 7 mostrou que as variáveis PIB e EXP são integradas de ordem I(1), então não estacionárias. Para testar a relação de longo prazo, primeiro verifica-se se a combinação linear das series é estacionária. Neste caso, as variáveis são consideradas cointegradas.

A TABELA 10 mostra o resultado do teste de ADF nos resíduos das equações (13) e (14). Os valores críticos do tau de Engler-Granger no nível de 5% e 10% são, sucessivamente, -4.0272 e -3.6565. Como o valor calculado de tau para, $\varepsilon(1)$ e $\varepsilon(2)$ são menores (em valor absoluto) que os valores críticos, os resíduos são estacionários, ou seja, I(1). Assim, (13) e (14) não podem ser denominadas

regressões de longo prazo, ou seja, não existe cointegração para a relação entre PIB e exportações. Desta forma, não existe evidência da hipótese *ELG* para o conjunto dos países da UEMOA.

TABELA 10 - Teste de cointegração de Engle-Granger para a UEMOA (1977-2007).

Teste ADF						
	Equação	Def.	T-Stat	T (tau) 5%	T (tau) 10%	Decisão I(d)
$\varepsilon (1)$	tc	0	-2.41338	-4.0272	-3.6565	I(1)
$\varepsilon (2)$	tc	0	-3.05958	-4.0272	-3.6565	I(1)

5.4 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a equação (12), baseado no teste de Engle-Granger de cointegração, as séries PIB e exportações são cointegradas. Mesmo com a possibilidade de que esta regressão seja espúria, devido à presença de raiz unitária nas variáveis que a compõe, o teste de raiz unitária aos resíduos obtidos da mesma confirma que a regressão tem cointegração. A conclusão de que as séries de PIB e as exportações são cointegradas confirma a existência de uma relação de longo prazo estável entre elas. Assim, o coeficiente 4,0387, da regressão representa o efeito marginal das exportações, do Benim, sobre o PIB no longo prazo.

Por outro lado, o teste de raiz unitária aos resíduos obtidos da regressão (14), apresenta a não cointegração entre as variáveis PIB e exportações do UEMOA. Mesmo a regressão não tendo cointegração, uma análise comparativa com os parâmetros das equações (12) e (14), parece-se importante. Os coeficientes da regressão (12), ou seja os efeitos marginais das exportações sobre o PIB do Benim, foram 1,6950 e 4,0387, sucessivamente antes e depois dos acordos de livre comércio. Enquanto, os mesmos foram 1,1379 e 1,9174, sucessivamente antes e depois dos acordos de livre comércio, para o UEMOA. Conclui-se, pela comparação destes resultados, que o efeito das exportações no crescimento econômico do Benim foi mais forte do que aquele observado para a união em conjunto.

Pode-se resumir que a análise de hipótese de crescimento liderado pelas exportações é válida para o Benim. Mudanças estruturais como os efeitos significativos das exportações sobre o crescimento econômico foram observadas a

partir de 1994, anos em que se formou a união econômica (UEMOA). Algo que não ocorreu na UEMOA. O perfil produtivo de cada país membro da união pode não ser idêntico assim como as políticas aplicadas por cada Governo individualmente durante o período estudado. Isto abre porta para estudos no futuro.

6. CONCLUSÃO

O estudo analisou a validade da hipótese de crescimento liderado pelas exportações *ELG* no período de 1980 a 2010 para o caso do Benim e da UEMOA. As variáveis relevantes (PIB e exportações) foram analisadas a fim de verificar a pertinência da hipótese *ELG* na economia da UEMOA e do Benim. Além disso, buscou-se investigar a evidência de mudanças estruturais na relação entre o PIB e as exportações a partir de 1994, ano que se formou a união, utilizando o conceito de variáveis dummies.

A hipótese de crescimento liderado pelas exportações postula que as exportações são fatores determinantes do crescimento global da economia em geral. O fundamento desta teoria pode-se relacionar às teorias que evidenciam os impactos do comércio internacional dentro da economia interna. Parte-se de que estes impactos podem ser positivos ou negativos, as análises procuram evidenciar a hipótese destes últimos.

No caso do Benim, o resultado obtido na análise econométrica revelou que há uma evidência de cointegração entre as exportações e o PIB. O resultado também evidencia os efeitos de mudanças estruturais da união aduaneira, pois a relação entre exportações e PIB ficou mais forte a partir de 1994. Esses resultados permitem concluir que a hipótese *ELG* é válida para o Benim.

Porém, os resultados econométricos para o conjunto dos países da UEMOA mostraram que não existe cointegração entre exportações e PIB. Assim, a hipótese *ELG* não é apoiada para o conjunto da união. Apesar de ter resultado válido para o Benim, a hipótese *ELG* pode não ter sido verificada para o conjunto da UEMOA porque as situações econômicas de cada país membro são diferentes.

Apesar da hipótese *ELG* não ter sido confirmada para o conjunto dos países da UEMOA, é possível que ela seja válida para países específicos dentro da UEMOA como foi o caso do Benim. Além disso, também é possível que tenha ocorrido mudança estrutural devido ao acordo de livre comércio em outros países da união isoladamente. As exportações e as integrações econômicas, então, podem ter um papel importante no desempenho das economias dos países que as constituem. Os planejadores políticos podem privilegiar todas as ações que elevam as

exportações e os acordos de comércio entre países a fim de aproveitar as oportunidades inclusas.

Uma das limitações associadas a este trabalho é a análise não detalhada para cada país da união. Conforme relatado, cada país deve ter situações diferentes, então resultado diferente no teste. A análise também não considera elementos das outras abordagens teóricas de desenvolvimento. À medida que mais dados tornam-se disponíveis outros fatores poderiam ser avaliados em estudos futuros para determinar os resultados para cada país.

7. REFERENCIAS

Banco Cental dos Estados da África Ocidental (BCEAO) – Données Economiques et Financières 2013. Disponível em < <http://www.bceao.int/Nouvel-article,2127.html>>. Acesso em: 15/04/2013.

Banco Mundial, World Economic Forum - The Global Competitiveness Report 2012–2013. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GlobalCompetitivenessReport_2012-13.pdf. Acessado em 05/2013, Acesso em: 15/04/2013.

Banco mundial, Word DataBank - World Development Indicators (2013). Disponível em: http://databank.worldbank.org/data/views/variableselection/selectvariables.aspx?source=world-development-indicators#c_b>. Acesso em: 11/04/2013.

Chambre d'Industrie et de Commerce (CIC-Bénin), Document Cadre, portant création, attribution, organisation e fonctionnement du comité conjoint Bénin-Nigéria sur le commerce, 2006. Disponível em < <http://www.ccibenin.org/>>. Acesso em: 15/04/2013.

Commission Economique pour l'Afrique (CEA), Etat de l'intégration régionale en Afrique, 2004. Disponível em: < <http://www.agoatoolkit.com/agoa/French/Politique%20Commerciale/02.pdf>>. Visitado em 12/03/2013.

Cypher, James M. e Dietz, James L. The process of economic development / – 3rd ed, 2008.

Department of Economic and Social Affairs – United Nations. << <http://www.un.org/en/development/desa/index.html>>>. Acesso em: 07/04/2013.

Diouf, Makhtar. Économie Politique Pour l'Afrique. Les nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 10, rue Amadou-Assane-Ndoye P.B.260 DAKAR, 1991.

Dumont, René. L'afrigue noire est mal partie. Paris, editions du Seuil, 1962.

Food and Agriculture Organization of the United Nations << <http://www.fao.org/publications/en/>>>. Acesso em: 07/04/2013.

Fundo Monetario Internacional (FMI). Rapport du FMI n° 11/307- Bénin : Document de stratégie pour la réduction de la pauvreté, Washington, 2011. Disponível em < <http://www.imf.org/external/french/pubs/ft/scr/2011/cr11307f.pdf>>. Acesso em: 15/04/2013.

Gilpin, Robert. A economia política das relações internacionais. Brasília Editora UNB, 2002.

Google Mapa Disponível em: < <https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-PT&tab=wl>>. Acesso em: 15/04/2013.

Gujarati, Damodar N. Econometria básica; tradução de Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

Haddad, Paulo Roberto. Planejamento Regional: Métodos e aplicação ao caso brasileiro. Editado por Paulo Roberto Haddad, 2.ed Rio de Janeiro, IPEA, INPES, 1974.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011). Disponível em: <<
http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php>>. Acesso em: 07/04/2013.

Institut National de la Statistique et de l'Analyse économique (INSAE, 2009)
<<<http://www.insae-bj.org/2012/spip.php?page=jupiter>>>. Acesso em: 07/04/2013.

Kamark, Andrew M. A economia da África; tradução Álvaro de Figueiredo. Dom Quixote, 1972.

Koop, Gary. Analysis of econometric data – 2nd ed. John Wiley and Sons Ind, 111 River street, Hoboken, NJ 2004.

Koshiyama B. Daniel. Crescimento econômico e comércio externo: Teorias e evidências empíricas para o Brasil, 124 p. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2008). Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/9/TDE-2008-05-15T080129Z-1267/Publico/400917.pdf>. Acesso em: 07/04/2013.

Krugman, Paulo R. Economia Internacional: teoria e política / Maurice Obstfeld; tradutor técnico Eliezer Martins Diniz. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

Mackinnon, J. G. (2010), "Critical Values for Cointegration Tests", Queen's Economics Department Working paper No. 1227. Kingston, Ontario, Canada. Disponível em: <<<http://www.econ.queensu.ca/faculty/mackinnon/>>>. Acesso em: 10/04/2013.

N'guessan Bi Zambe Serge Constant. Export-led growth in southern Africa, 15 p. Trabalho acadêmico, School of International Business Administration, Shanghai University of Finance and Economics, Shanghai, China (2010), Disponível em: <http://mpira.ub.uni-muenchen.de/22970/1/MPRA_paper_22970.pdf>. Acesso em: 05/04/2013.

Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), <<
<http://www.oecd.org/statistics/>>>. Acesso em: 10/04/2013.

Ray, Debraj. Development Economics. Princeton, University Press, New Jersey, 1998.

Sene News Actu do 23/07/2013. Disponível em: <<
http://www.senenews.com/2013/07/23/plus-de-384-milliards-fcfa-doperations-interbancaires-enregistrees-par-luemoa-en-mi-juillet_61405.html>>. Acesso em: 27/07/2013.

Sequa gGmbH; Investing in people, Etude National: La formation professionnelle et le Setor Informal au Bénin, 2013. Disponível: <<<http://www.sequa.de/>>>. Acesso em: 15/04/2013.

Sinoha-Lopete Ramona. Export-led growth in southern Africa, 130 p. Dissertação (Mestrado em ciências) – Departamento da economia agrícola e agrobusiness, Baton Rouge, Louisiana State University, 2006. Disponível em: <<http://etd.lsu.edu/docs/available/etd-04072006-114156/unrestricted/Sinoha-Lopete_thesis.pdf>>. Acesso em: 05/04/2013.

Souza, Neli de Jesus de. Desenvolvimento Regional. São Paulo, Atlas, 2009.

UNCTAD: Report Folders, 2013. Disponível em: <<<http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/reportFolders.aspx>>>. Acesso em: 15/04/2013.

Union Economique et Monetaire Oeste Africaine (UEMOA), Traite modifie de l'union economique et monetaire ouest africaine (UEMOA). Disponível em <<<http://www.uemoa.int/Documents/TraitReviserUEMOA.pdf>>>. Acesso em: 15/04/2013.

United Nations Conference on Trade and development – United Nations, <<<http://unctadstat.unctad.org/ReportFolders/reportFolders.aspx>>>. Acesso em: 07/04/2013.

Williamson, John. A economia aberta e a economia mundial: um texto de economia internacional / John Williamson; tradução de José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

World Development Report – Banco Mundial <<<http://datacatalog.worldbank.org/>>>. Acesso em: 07/04/2013.